

## O sonho da Atlantida

---

Na noite velludosa, a concha do firmamento jorrava o esplendor das estrellas. Eram aos milhares as luzes, em enxames inquietos como insectos d'oiro, em montões de neve ardente pela via-lactea, em constellações carbunculantes, em fulgores solitarios. O barco vinha da Europa, entrava o Equador. Passava de um mundo a outro mundo, deixava um céu por outro céu. Solitario, na alva ponte, ouvindo o mysterio do vento, sentia para mim só a orgia luminosa d'aquelle fogo de vistas infinito. Na caudal leitosa da estrada dos deuses ardiam espumas de diamante. Estrellas havia côr de oiro, outras de saphiras amarellas, outras de verde claro, outras alaranjadas. Todo esse estendal estilhaçado de pedrarias palpitava, vivia, parecia animado de um sopro de vida consciente. A luz que se projectava era tanta que o ar clareava de reflexos, as remotas distancias do Oceano estavam d'apparencia proximas, e no friso das vagas, na espuma das ondas, luzes corriam phosphorescentes, irmãs gemeas do fulgor celeste.

O barco cortava o mar, pejado de emigrantes. Cada um d'elles devia aninhar no coração a esperança da felicidade. Viajar é sempre caminhar com esperança. E naquelle ponto do oceano, desde seculos remotos o espirito humano collocara a ilha da felicidade.

Quantos pensariam em tal hora como eu pensava? Quantos olhariam o novo ceu? Os pensamentos guias das gerações são poucos. Os povos seguem-nos por instincto. Ninguem talvez no barco imaginaria estar passando pelo lugar onde a imaginação pensou colocar *A Atlantida* . . .

Mas a natureza abria um sendal de diamantes que se fundiam, de oiros que derretiam, de ardores que faziam cair do céu sobre o mar todas as ancias, todos os impetos, todos os desejos, todas as esperanças que as luzes accendem na alma dos seres terrestres.

Olhei o céu. Meditei o maior sonho do homem, enebriado, preso ao clarão das estrellas. E a minha pobre alma estalava ao zunido do vento, em extase deante da fogueira universal . . .

— Como é remota a idéa da ilha da felicidade ! Como é antigo o sentimento de que é preciso viajar e andar muito por mar para encontral-a ! Cada luz d'astro trazia-me uma recordação. Eu lembrava a Ogygia d'Homero, a Pancaia de Diodoro, a Vaccac de Simbad, o arabe, e o sonho dos celtas á procura do pomo d'oiro que devia estar numa ilha. Eu recordava Hesiodo, e o que diziam sacerdotes do Egypto e da Caldéa. Eu pensava em velhos mappas ingenuos da idade média, onde a ilha apparece sempre sem lugar determinado, — grande mentira que devia ser realidade. Isidoro de Sevilha acceitou-a. Boccacio tambem. Hensius chegou a fingir o começo do seu descobrimento na Ilha Raiz do Paraiso ; Marignole, mandado por Benedicto XII, referiu que ella estava a cinquenta milhas de Ceylão . . .

Ella estava a principio por perto. Depois ficou no Oriente. E de repente todos voltavam a julgal-a no Equador, nesse oceano Atlantico, como a imaginavam os palestradores de Herodoto. Atlantico ! Os arabes collocavam no Equador o castello de Arim, de máu accesso, e o thesouro de Iblis. No seculo primeiro, os enennianos fizeram o paraizo no oceano Atlântico. Os celtas seguiram a mesma rota de sonho. O purgatorio e o inferno passaram, como o paraizo, tambem para o Atlantico. Todas as fantasias orientaes não encontradas no Oriente enraizam por fim no segredo do Atlantico. Basta vêr os mappas de Mauro, de Sanido, d'outros. Basta lêr qualquer poema do seculo XI. No Equador a ronda transplantada dos cynocephalos, dos macrobios, dos cyclopes, dos amazonas. A ilha da felicidade, a Kanaca-puri dos indianos, a bolutú dos polynesios, no Atlantico.

Porque essa intuição devinatoria das raças ?

Sob a chuva de estrellas, surgia-me na memoria a narrativa dos sacerdotes de Saïs a Solon, legislador de Athenas.

— «Contam os nossos livros como Athenas destruiu um poderoso exercito, que vindo do oceano Atlantico insolentemente

invadira a Europa e a Asia. Nesse tempo era possivel atravessar o oceano e nelle se encontrava uma ilha em frente ao estreito que nossa lingua chama Columnas d'Hercules. A ilha era maior que a Lybia e a Asia reunidas, e n'essa ilha Atlantida os reis haviam formado grande e maravilhoso poder.»

E depois de dar a vitoria dos athenienses :

— «Mas houve depois um terremoto e a ilha desapareceu tragada pelo oceano. Eis porque ainda hoje os navegadores encontram o obstaculo insuperavel na vasa que a ilha deixou ao afundar-se» . . .

Ingenuos sacerdotes de Saïs ! As fabulas são as unicas verdades resistentes.

As verdades são fabulas realizadas que por isso deixam sempre de interessar. Athenas desapareceu. O mundo transformou-se. Os seculos passaram. A fantasia de Platão foi a crescer cada vez mais. Até que um dia, um homem rojou por todas as costas d'Europa, armou trez náus, fez-se ao mar e, atravessando pela primeira vez o diluvio astral do Equador, disse :

— É aqui !

Era Cristovam Colombo. Com elle a Iberia ficou ao lado das columnas d'Hercules, como o pharol perscrutador do Atlantico, como o descobridor do paraíso, como o organisador da Atlantida do sonho egypcio, dando a terra de maravilha a nova raça resistente dos atlantides . . .

Tudo depende da imaginação, poderão dizer. Mas principalmente da capacidade plasmar dos ambientes. Os meus grandes momentos de exaltação que são a illusão de ver melhor, sempre os tive nos oceanos, nos grandes mares. Apenas entre o epinício que os meus nervos cantam no Mediterraneo e a chama que arde nas minhas arterias atravez do Atlantico, vae a differença radical entre o louvor da perfeição e a vontade de tudo fazer. No Mediterraneo caminhamos no esplendor do mar que tudo ensinou, tudo descobriu, tudo acabou, tudo aperfeçoou. De Suez a Gibraltar, da Grecia a Barcelona, germinaram, floriram, frutificaram todos os ideaes perfeitos, passaram os periplos multiplos da Belleza e da Cubiça, da Guerra e da Civilisação. A chama é louvor, é bençam, é oração, é pasmo, é voto. As gerações acumulam-se deante dos olhos da Memoria. O tempo é tão vasto para traz que Alexandre parece d'hontem, Annibal é contemporaneo,

e Julio Cezar vive na hora mesma em que vibramos. A obra realisada de sonho e carne foi de tal forma eterna que os deuzes continuam vivos a sorrir-nos e o cerebro pode resumir o mundo para deante e para traz em quatro typos das legendas homericas : Agamenon, a fatalidade sanguinaria que quer mandar em tudo, Akille, o heroismo, Odysseus, a Intelligencia, e Helena, a Belleza que tudo perde. O homem, resôo do mundo, murmura apenas :

— Ó tu, mar sagrado, criador de todas as perfeições e de todos os horrores, de todos os sonhos e de todas as maravilhas . . .

O Atlantico é porém, um resultante do espirito mediterraneo; é a obra da tenacidade idealistica e pratica dos humanos. Fomos nós que o criamos para a vida, porque fomos nós que o disvirginámos. Elle é nosso, porque aos poucos fomos a descobril-o, a povoal-o, a dominal-o.

Deante desse immenso mar, olhando a superficie encapellada das ondas, sob a floresta de oiro dos mundos solares que o Mediterraneo apenas advinhava, nós vamos, não com o sentimento da perfeição realisada, mas com o espirito de conquista, de descobrimento, de fortuna; nós procuramos no imperfeito a felicidade. O Atlantico é o mar da esperanza.

Shopenhauer dizia « — A felicidade está sempre no passado ou no futuro. O papel do presente é o de parecer-se com uma nuvensita corrida pelo vento para o plano ensolado. » O velho Hugo escreveu :

*Les philosophes pleins de crainte ou d'espérance  
Songent, et n'ont entre eux pas d'autre différence  
En revelant l'Eden et même en le prouvant  
Que le voir en arrière ou le voir en avant.*

No Atlantico todo o homem é a nuvem de Shopenhauer ou o philosopho de Hugo que vê adeante.

A maioria não passa de nuvens, nuvens que se fazem chuva fecundante na terra ardente. Mas desde Colombo, desde Pizarro, desde Pinzon, desde Pedr'Alvares, de anno para anno, de mez para mez, de semana para semana, de dia para dia, de hora para hora, cresce o turbilhão de creaturas partidas da Iberia para a America. Não encontraram a ilha maravilhosa; encontraram um continente bravoio. Levados na rajada da ambição desbravaram florestas, precipitaram-se nos rios, chantaram cidades, no sonho do oiro, no sonho das pedras preciosas, na furia de realisar a pe-



dra philosophal com as gotas do suor que o labor distilla. E como no tempo das *bandeiras* e dos vice-reis, das penetrações e dos saques, em que a morte era um Protheo a espiar, ora folha verde, ora agua de paúl, ora luz de sol desfazendo, talando vontades, ceifando esperanças, matando — hoje os bandos atravessam o Atlantico com o mesmo sonho da riqueza e da abundancia.

O Atlantico é o mar que os vê passar ha seculos ; o Atlantico é o mar da historia contemporanea, é o oceano prova do heroismo das raças iberas, o guardador dos mundos novos — a massa d'agua estrada do futuro. Por elle sulcam as naus dos formadores de raças nas terras jovens ; e nada melhor afirma a mocidade integral de taes heroes, a rijesa phisica e a tenacidade d'alma, a capacidade de sonhar e de realisar, a divina saúde da peninsula, o transbordamento de seiva de Portugal e de Hespanha, como esse mar que os viu fazer duzias de paizes, com a marca vibrante dos seus enthusiasmos e das suas energias. . .

Como não pensar em agir sob o céu do Equador, no oceano da esperança? Como não sonhar em realisar, em completar, em formar nas aguas do mar do Presente? O tempo torna grandes homens que foram iguaes a nós, e faz sorrir os mediocres dos homens d'hoje. No transatlantico, olhando o céu, feito de roseiras luminosas, eu pensava nos emigrantes da terceira. Que diferença entre os seres obscuros e os companheiros de Colombo, do Gama, ou de Pedro Alvares? Qual o oraculo que poderia recusar a um d'elles a gloria, a riqueza, a caricia da vida? Elles continuavam, continuavam a visão dos sacerdotes de Saïs, continuavam as conjeturas de Platão, continuavam as fantasias ambiciosas da idade média, continuavam a videncia de Colombo e do Gama, continuam as furias avidas dos capitães-mores e dos vice-reis, eram o impeto fatal da Europa para a criação da felicidade que o Atlantico guarda. Seriam amanhã portuguezes ou hespanhoes? Seriam brasileiros ou argentinos?

Apenas eu não os via sós, a querer. O transatlantico caminhava, e havia como que vozes na voz do vento, vozes de sedução, vozes de povos ambiciosos que o queriam para complemento, que o chamavam. Tragedia maior que todas as tragedias — em que se debatem interesses, cobiças, sonhos, amores — o drama da vida futura estava allí, naquelle mar.

E por elle andando, eu como os outros, todos os outros, sentia o filtro do mago Oceano estupendo. Não ajoelhava, não

orava. Pensava ir fazer mil obras de vigor e de energia, derrubar obstaculos, conquistar a felicidade, com a minha vontade, com o meu desejo, com a minha força, com o meu Querer.

A America não é Atlantida da lenda. Muitos, scientificamente, julgam que a Atlantida afundou; outros que nunca existiu. Para os poetas, expressões das raças, e para as raças, sonhadores collectivos, existiu sempre porém, e existe, e existirá. E' o ideal, a hypnose da coragem; é a gloria, é o triumpho, é o desejo que cada um tem de realisar-se, realisando. Os iberos vieram por ella e foram muito além plantar noutro continente a semente da energia, criando outros povos. E agora, sob o manto constellado do Equador, encontram-se as vontades de paes e filhos para a realisação maravilhosa. Atlantida é a ilha onde está o pomo d'oiro da felicidade; Atlantida é a terra abstrata do conhecimento, do saber, da adivinhação; Atlantida é o élo dos sentimentos que se harmonisam á musica onde as nove musas se debruçam para o sorriso da humanidade, o grande abraço mental entre a Europa e a America.

Eternamente ella estará alli, no Equador, entre o céu antigo e o novo céu, entre a paysagem celeste do mundo antigo e a floresta estellar do mundo novo. Por ella passarão as ambições e os desejos, sem por ella dar. O espirito divino paira sobre as aguas, disse Boudha. Serão felizes aquelles que comprehenderem o espirito divino mantido atravez das éras na miragem da *Atlantida*; serão contentes os que tentarem a realisação mental dessa obra que a torrente humana torna praticamente cada vez mais positiva, aquelles que se fizerem olhos e ouvidos e coração e cérebro, para sentir na ilha do dialogo de Platão, o desejo do entendimento dos continentes — Atlantida, grilhão que liga o querer unido das raças novas em marcha para o futuro, para a felicidade, para a perfeição. . .

O barco continuava de seguir. Batendo o capotame, arfava o vento sobre a ponte; e só, encostado á amurada, eu, naquella marcha de ambições, olhava no alto o derrame dos astros. E parecia que sobre as aguas iluminadas o Equador sacudia para o Bem, para a Graça, para a Ventura, para a Belleza, todas as arvores de pomos d'oiro da Atlantida celeste.

JOÃO DO RIO.